

A LINGUÍSTICA COGNITIVA APLICADA AO ENSINO: UM ESTUDO SOBRE AS CONSTRUÇÕES COM OS “VERBOS DE LIGAÇÃO” DE MUDANÇA DE ESTADO.

Roza Maria Palomanes RIBEIRO
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
rozpalomanes@terra.com.br

Resumo: O ensino da predicação nominal apoiado nas gramáticas tradicionais suscita indagações e críticas. Muitas incoerências com relação às definições de elementos gramaticais devem-se ao fato de que ora a gramática tradicional utiliza critérios semânticos para estabelecer suas definições, ora formais, gerando equívocos de todas as espécies e incompreensões por parte dos alunos. Há ainda as definições mistas, aplicada de forma desigual e aleatória. O presente artigo tratará, especificamente, da forma como os verbos que são rotulados “de ligação” pelas gramáticas tradicionais são definidos e apresentará uma proposta de base construcionista para sanar os problemas oriundos das definições tradicionais. Tradicionalmente, quando se trata de transitividade verbal, as gramáticas escolares distribuem os verbos em três grupos: verbos transitivos, verbos intransitivos e verbos de ligação, sendo os verbos de ligação definidos como vazios ou quase vazios de significado, que servem apenas como elo entre o sujeito e o predicativo do sujeito. É nosso objetivo apresentar críticas a esta definição tradicional, bem como apresentar uma proposta de tratamento das construções com o padrão SN, na posição de sujeito, mais um SV composto por um verbo que sinalize mudança de estado e um Sintagma adjetival sob a ótica da Gramática das Construções.

Palavras-chave: Linguística Cognitiva; Gramática das Construções; Construções Resultativas.

Introdução

Muito se tem discutido, nos últimos tempos, sobre o ensino de gramática nas escolas, em especial nas de ensino fundamental. Tais discussões surgem em função do baixo desempenho linguístico dos alunos que completam o ensino básico com lacunas a serem preenchidas quanto ao uso da modalidade padrão da língua.

Ainda hoje o ensino de língua portuguesa, apesar do avanço das pesquisas linguísticas, é prescritivo, centrado na gramática normativa. As gramáticas escolares, baseadas na NGB, apresentam muitas incoerências com relação a certas definições, ora utilizando critérios semânticos, ora formais e, ainda, definições mistas que geram equívocos. O presente artigo tratará, especificamente, da forma como os verbos rotulados de ligação pelas gramáticas tradicionais são definidos e apresentará uma proposta de base construcionista para sanar os problemas oriundos das definições tradicionais.

A respeito da transitividade verbal, as gramáticas escolares tradicionais distribuem os verbos em três grupos: verbos transitivos, verbos intransitivos e verbos de ligação (Ernani e Nicola, 2001: 108-109), sendo os verbos de ligação definidos como vazios ou quase vazios de significado, que servem como elo entre o sujeito e o predicativo do sujeito.

Essa definição tradicional apresenta alguns problemas que serão expostos no decorrer do artigo, bem como nossa proposta de tratar de construções com o padrão SN na posição de

sujeito, um SV composto por um verbo e um Sintagma adjetival sob a ótica da Gramática das Construções.

1. A definição dos verbos de ligação na gramática tradicional

A gramática tradicional, em se tratando de verbos de ligação, ao definir o predicado nominal o apresenta como aquele cujo predicador é um nome que se liga ao sujeito por um ‘verbo de ligação’ que constitui, por sua vez, uma classe de verbos não nocionais, esvaziados de significado. Ainda segundo este modelo, quando o predicado declara uma qualidade, estado ou condição, o elemento principal é um nome que se referirá a outro nome e, nesse caso, o verbo serve apenas como a ligação entre os nomes (sujeito e predicativo).

A abordagem tradicional da transitividade verbal, tanto quanto em outras definições que faz, ora leva em conta aspectos formais, ora semânticos. Com relação aos verbos ditos de ligação, a análise tradicional do fenômeno deixa de considerar as relações semânticas entre os elementos que constituem o enunciado.

Para Bechara (2001:424-436), Cunha & Cintra (1998:129-130) e Rocha Lima (2000:238), os verbos que exercem essa função são ‘ser’, ‘estar’, ‘permanecer’, ‘continuar’, ‘parecer’, ‘ficar’, entre outros como ‘andar’, ‘achar-se’, ‘cair’, ‘converter-se’, ‘encontrar-se’, ‘fazer-se’, ‘meter-se a’, ‘viver’, ‘virar’ e ‘tornar-se’

Ainda segundo Bechara (1977:202-204), os verbos de ligação têm por função apresentar um estado, qualidade ou condição do sujeito – como os verbos estar e andar -, uma mudança de estado – como o verbo ficar -, uma continuidade de estado – como o verbo continuar e permanecer- e aparência – como o verbo parecer.

Para o autor, os verbos de ligação se caracterizam por uma referência tão vaga à realidade comunicada a tal ponto que fazem do predicativo à direita um argumento. Sob esta ótica, os verbos de ligação, ainda que sejam verbos muito amplos e vazios, requisitam um argumento à esquerda (sujeito) e outro à direita (predicativo).

Em Bechara (op.cit), pode-se ler que alguns autores tradicionais consideram que o verbo de ligação se apresentam esvaziados do signo léxico que passa a ser suprido com o apoio de um nome. Assim, seu papel gramatical se restringiria a ‘ligar’ o predicativo ao sujeito e marcar o tempo, o modo e o aspecto da oração, cabendo ao nome expressar a realidade comunicada.

A alegação de que os verbos de ligação constituem predicados nominais por apresentarem um esvaziamento semântico que é preenchido por um signo linguístico na função de predicativo vem sendo rejeitada pelo fato de que na posição de predicativo ocorrem outras classes de palavras que não os nomes (substantivos e adjetivos) como, por exemplo, os advérbios, como pode ser visto nos exemplos retirados de Bechara (2001:426):

(1) Os vizinhos estão bem.

(2) Os jovens são assim.

Cunha & Cintra (1998:129-132) definem os ‘verbos de ligação’ como aqueles que “servem para estabelecer a união entre duas palavras ou expressões de caráter nominal”. Os autores dividem os verbos em significativos e não significativos, considerando os ‘verbos de ligação’ como não significativos. Para os referidos autores, esses verbos não trazem ideia nova ao sujeito, funcionando, apenas, como um elo entre o sujeito e o predicativo.

Segundo eles, os ‘verbos de ligação’ podem expressar um estado permanente (verbo ‘ser’), um estado transitório (verbos ‘estar’ e ‘andar’), uma mudança de estado (verbos ‘ficar’ e ‘tornar-se’), continuidade de estado (verbos ‘continuar’ e ‘permanecer’) e aparência de estado (verbos ‘parecer’ e ‘permanecer’).

Cunha & Cintra alertam para o fato de que alguns dos ‘verbos de ligação’ tanto podem ser usados ora como copulativos ora como significativos e para isso é necessário que

se observe em que contexto estão sendo usados. Para justificar a diferença entre os usos dos ‘verbos de ligação’, os autores lançam mão de exemplos onde apenas o predicativo é trocado por um sintagma adverbial e por um sintagma nominal e, neste caso, os verbos são verbos significativos. Observe os exemplos retirados de Cunha & Cintra (op.cit):

(3) Estavas triste. Estavas em casa.

(4) Fiquei pesaroso. Fiquei no meu posto.

Rocha Lima (2000:238) considera o predicado nominal aquele que tem por núcleo um nome em que repousa a declaração feita sobre o sujeito. Desta forma, apresentando o conteúdo de três das principais gramáticas tradicionais do português com relação aos predicados nominais, pode-se perceber que todas apresentam abordagens similares quanto à inadequação terminológica dos verbos de ligação, classificando-os de acordo a noção que expressam e mesclando transitividade e aspecto.

Mattoso Câmara (1975), ao tratar dos vocábulos formais, diz que estes podem ser distribuídos e classificados, em princípio, sob três critérios: semântico, formal e funcional. Sob o critério semântico, um vocábulo não significa por si só, mas através do universo biossocial, incorporado à língua. Segundo o critério formal, o vocábulo possui propriedades de formas gramaticais e o critério funcional diz respeito à função ou ao papel do vocábulo na sentença.

Segundo o autor, os critérios semântico e formal estão intimamente ligados, critério morfossemântico, que tem a função de ser o fundamento da classificação de forma que cuja função é ser o fundamento da classificação de modo que se o critério semântico gerar dúvidas, o forma pode dar conta de solucioná-las.

Para Perini (1996), deve-se levar em conta os traços formais e semânticos ao se classificar um elemento linguístico, o que não ocorre com as definições encontradas nas gramáticas tradicionais e livros didáticos que, na sua maioria, seguem tais modelos. O que tem causado incompreensões nas definições gramaticais tradicionais é ora optar-se pela aplicação do critério formal, ora o semântico. Raras são as vezes em que os dois critérios são utilizados em conjunto. Para Perini, pode haver palavras que se assemelhem sob o ponto de vista semântico e, no entanto, se apresentarem com comportamento morfossintático diferente, e vice-versa. Sendo assim, faz-se necessário que se apresentem duas classificações que se interliguem e se completem: uma formal e outra semântica.

Quanto ao critério funcional apresentado por Mattoso, esse subdivide nomes e pronomes de acordo com a função na comunicação. Dependendo de sua função no discurso, um mesmo vocábulo, para Mattoso, pode ser substantivo ou adjetivo ou ainda adjetivo ou advérbio.

Mattoso, ao tratar das noções gramaticais do verbo, atenta para o fato de que o estudo semântico referente ao verbo é muito complexo, contudo necessário, uma vez que o estudo do uso dos verbos “tem sido o de fixar cada emprego concretamente, sem cogitar de apreender em cada forma uma significação geral, que quando muito, é admitida como uma abstração, no fundo desnecessária”. (1975:87). Isto se deve, segundo o autor, à possibilidade de se acumularem as noções de tempo, modo e aspecto dos verbos.

2. Como ensinam as gramáticas escolares

Selecionamos dois livros didáticos para analisar a maneira como é a apresentada a construção predicativa e o verbo dito de ligação: Faraco e Moura (1999) e Cereja & Magalhães (1999).

Faraco & Moura tratam a transitividade verbal da seguinte maneira:

O verbo transitivo e o verbo intransitivo são significativos ou nocionais, isto é, têm um significado próprio (...) O mesmo não ocorre com os verbos de ligação. Eles não apresentam significação, servindo apenas para estabelecer ligação entre sujeito e um termo que expressa características desse mesmo sujeito.

Para Cereja & Magalhães, o verbo de ligação é aquele que serve de elemento de ligação entre o sujeito e seu atributo - o predicativo do sujeito.

Com relação aos exercícios apresentados nos livros didáticos em análise, percebe-se que, em nenhum momento, são requeridas reflexões sobre as necessidades semânticas e contextuais dos conteúdos veiculados pelos verbos na construção, assim como pela própria construção.

Observe os exemplos a seguir retirados de Faraco & Moura:

1. Classifique os verbos abaixo quanto à predicação:
- a. Número de livros sobre História do Brasil quintuplicou. (Veja) intransitivo
 - b. As peruas invadiram a cidade. (Veja) transitivo direto
 - c. País precisará de 22 bi para a dívida externa. (O Globo) transitivo indireto
 - d. Crimes de policiais ficam impunes. (Folha da Tarde) verbo de ligação
 - e. Não pediram licença a ninguém. transitivo direto e indireto
 - f. O consumo de leite aumentou nos últimos anos. (Folha de S.Paulo) intransitivo

Cereja & Magalhães, também apresentam exercícios que pouco ou quase nada levam a uma reflexão sobre nuances semânticas, a não ser em uma única questão que atende somente à possibilidade de diferentes acepções decorrentes do emprego de certos verbos transitivos e intransitivos, nem levam em conta os aspectos funcionais de uso dos verbos nas construções:

- Classifique quanto à predicação os verbos destacados nestes pares de orações:
- a) Ando preocupado demais. VL
Andei dois quilômetros sob um sol arrasador. VTD
 - b) Ele vive distraído. VL
Viveu uma vida pacata num sitiozinho em Minas. VTD
 - c) Deus é onipotente. VL
Deus é. VL
 - d) Ela sonha com viagens, cruzeiros e visitas a lugares exóticos. VT
Ela sonha sonhos cor-de-rosa. VTD

3.A Gramática das Construções: um modelo baseado no uso

A Gramática das Construções (doravante GC) é considerada uma “pedra angular conceptual do quadro teórico da linguística cognitiva” (Geeraerts, 2006:9). Foi desenvolvida nos anos 80 por linguistas como Fillmore, Kay e Lakoff. Trata-se de uma família de teorias sintáticas, mais que uma teoria unificada, cognitivamente baseadas, que compartilham princípios fundamentais.

Foram Fillmore e Kay que usaram pela primeira vez o termo *Construction Grammar*. Seus trabalhos com expressões idiomáticas, tais como *let alone*, fundamentaram as variações da GC desde então desenvolvidas.

A abordagem proposta por Adele Goldberg (1995) é chamada de Gramática Cognitiva das Construções (GCC) para que se diferencie de outras propostas construcionistas. Algumas

diferenças entre a abordagem proposta por Goldberg e as demais incluem questionamentos como:

- a) Os aspectos gramaticais são, redundantemente, especificados nas várias construções?
- b) O modelo é baseado no uso ou não?
- c) A motivação é buscada na relação entre forma e função?
- d) A unificação é adotada como meio formal de representar as construções?

A Gramática das Construções de Goldberg, que nos interessa em particular por fundamentar, teoricamente, este trabalho, observa, principalmente, as relações externas das construções e a estrutura das redes construcionais, enquanto outras têm seu foco em aspectos mais formais.

3.1. Gramática das Construções: constructos teóricos

Segundo a GC, a unidade preliminar da gramática não é a unidade lexical atômica nem combinações sintagmáticas lineares de unidades lexicais. Na verdade, a unidade preliminar é a *construção gramatical*. Este modelo, portanto, vê a construção como o princípio fundamental da organização gramatical.

A construção é qualquer elemento formal que está diretamente associado a algum sentido, a uma função pragmática ou contendo uma estrutura informacional. Essa definição de construção cobre uma variedade de unidades linguísticas:

- (i) morfemas simples;
- (ii) palavras multimorfêmicas;
- (iii) expressões idiomáticas
- (iv) sintagmas fixos com significado composicional
- (v) padrões sintáticos abstratos

Dentro da visão construcional, as estruturas sintáticas de uma língua não podem ser descritas somente segundo critérios sintáticos ou morfossintáticos, nem se levando em conta as propriedades sintáticas e semânticas dos verbos que as integram, tal como ainda é feito na abordagem tradicional das estruturas da língua, como foi apresentado nos itens anteriores. Na verdade, as construções sintáticas possuem estruturas semânticas próprias. Assim, o significado da construção não corresponde à soma dos significados das unidades lexicais que possuem. Tanto as construções gramaticais quanto as unidades lexicais (assim como os morfemas em algumas construções gramaticais) são combinações de forma e significado, *um continuum* léxico-sintático. Esta é a principal hipótese desta teoria: *as gramáticas das línguas são compostas por pares de esquema conceituais e padrões gramaticais que se inter-relacionam*. Os esquemas associados às formas sintáticas representam a experiência humana mais básica e são como ferramentas com as quais organizamos nossa compreensão, estruturando percepções, imagens e eventos.

Sendo a unidade preliminar da gramática a construção, a GC não subdivide a gramática de uma língua em componentes autônomos - os componentes fonológico, sintático e semântico - que possuem suas próprias regras combinatórias. A fonologia, a sintaxe e a semântica são partes integradas da construção individual.

Muitas diferenças, portanto, emergem entre GC e as teorias Gerativas. A mais importante delas é que a GC é não derivacional, i.e., as construções são vistas como unidades básicas da língua e não como resultado da interação entre itens lexicais e regras sintáticas. A GC considera a construção a unidade básica da organização linguística pelo simples fato de que um vasto número de expressões linguísticas é, em algum grau, não composicional ou possui propriedades formais idiossincráticas, como pode ser visto nos trabalhos de Kay 1984, Lambrecht 1988 e 1990, Fillmore, Kay, & O'Connor 1988, Kay & Fillmore 1999.

Os modelos Chomskyanos relegam determinadas construções à periferia da língua e constroem teorias elaboradas para derivarem tais expressões. Em contraste, a GC pretende dar conta de tais expressões de forma integral, assumindo que tais supostas expressões “periféricas” são construções nos moldes da definição dada anteriormente.

A segunda diferença crucial entre a GC e a maioria dos modelos gerativos é que a GC é não modular: não há uma divisão rígida entre sintaxe, morfologia, léxico, sistema conceptual, princípios pragmáticos, etc., desde o momento em que as construções ligam diretamente forma e significado, e, como diz Goldberg (1996), todo o sistema linguístico forma um inventário integrado de signos linguísticos.

Goldberg (1995) apresenta alguns argumentos a favor da existência de um significado próprio para as construções sintáticas: (a) a inaceitabilidade de significados especiais de certos verbos, (b) a predizibilidade do significado da construção e (c) a facilidade com que a criança adquire o significado de um novo verbo colocado numa construção que ela já conhece. Assim, o uso de um verbo numa construção sintática diferente não implica um significado diferente para esse verbo; o uso pode ser simplesmente determinado pelo significado da construção em que o verbo participa. Trata-se, portanto, de uma importante inovação trazida pela GC: *a estrutura argumental é determinada pelo verbo e pela construção*. O verbo não muda seu sentido para licenciar argumentos extras. O sentido vem da construção em que é empregado e da forma como a construção combina semanticamente com o verbo para expressar o evento complexo.

Como já foi dito, a GC não faz uma distinção rígida entre semântica e a pragmática; ambas são vistas como partes integradas de uma construção. Algumas construções só fazem sentido em um contexto específico. Consequentemente, a GC trabalha com funções sobrepostas. Um tipo diferente de contribuição dado pela GC à Pragmática é a de construções simples entrelaçarem um número de tramas de tipos interpretacionais distintos listados de formas complexas. Uma construção simples pode mixar diversos tipos de informação pragmática sob uma construção formal única¹.

Tal modelo se apresenta como solução para o tratamento dispensado, tradicionalmente, aos verbos ditos de ligação uma vez que considera que:

- a) A estrutura argumental é determinada pelo verbo e pela construção;
- b) Semântica, sintaxe e pragmática são vistas como partes integradas da construção.

4. Construções com o verbo *ficar e afins*

Diante de tudo o que foi exposto, buscar-se-á, neste capítulo, através da GC, apresentar um novo tratamento à construção com forma sintática [SN V SR], de que participam alguns dos verbos tradicionalmente rotulados como verbo de ligação que têm por característica expressar mudança de estado. Argumentaremos que há uma motivação que explica a correspondência forma-significado, restringindo o emprego dos verbos na construção dada sua semântica e que tal construção, ainda que apresente uma sintaxe similar a

¹ Para melhor elucidar o que sejam construções formais, citamos o artigo de Fillmore, Kay & O'Connor (1988), em que os autores fazem distinção entre construções lexicalmente preenchidas (ou substantivas) e construções lexicalmente abertas (ou formais), construções gramaticais e extragramaticais e construções de codificação e decodificação. Construções substantivas são as expressões idiomáticas tradicionais como as do inglês *kick the bucket or jump the wagon*, enquanto o termo construções formais, em contraste, se refere a construções sintaticamente bem definidas, com propósitos semânticos e pragmáticos, não reconhecidos somente por sua forma. Um exemplo desse tipo de construção é a chamada *the X-er the Y-er* construção que se realiza em frases do tipo *the bigger they are, the harder they fall*. Enquanto as construções substantivas envolvem, tipicamente, uma dimensão lexical de idiomaticidade, as construções formais são caracterizadas pelo fato de envolverem dimensões construcionais de idiomaticidade.

outras construções, é uma construção resultativa por apresentar uma semântica de mudança de estado :

| | |
|---------------------------------|----------------------------|
| Semântica: TORNAR-SE < paciente | resultado/posição final > |
| Sintaxe : | V < sujeito OBL SPREP/SA > |

Para Goldberg (2006) uma abordagem inteiramente lexical da Gramática é inadequada, e que construções independentes devem ser reconhecidas como existindo independentemente de itens lexicais particulares que as instanciam.

Esta visão apresenta, também, implicações diretas para o ensino gramatical. Adotando a GC (i.e. associando, diretamente, semântica e sintaxe e levando-se em conta o contexto – critérios formal, semântico e funcional), evita-se a necessidade de se postular um novo sentido para os verbos que ocorrem somente com esses padrões ou estruturas argumentais.

A GC, como já foi dito, é um modelo baseado no uso (usage-based model). O objetivo de trabalhos desenvolvidos dentro deste modelo baseado no uso é representar o conhecimento gramatical de tal forma que pode haver uma interface transparente com teorias de processamento, aquisição e mudança linguística, aplicando o conhecimento gerado ao ensino linguístico.

4.1. O padrão construcional resultativo

As construções resultativas têm ocupado papel de destaque entre os linguistas que optam por trabalhar com a Gramática das Construções por suscitarem questões importantes para a interface semântico-sintática. Ela têm sido central em muitos trabalhos recentes sobre estrutura argumental e interface semântico-sintática, em trabalhos com abordagens minimalistas da gramática (Levin & Rappaport Hovav, 1995) e construcionais (Goldberg 1995, Goldberg & Jackendoff 2004, Boas 2003). A construção resultativa é caracterizada por um argumento semântico extra, o sintagma resultativo (SR), que indica o estado resultante de uma ação denotada pelo verbo. Observe os seguintes exemplos do inglês:

- a. Mary painted the house red. (transitiva)(Mary pintou a casa de vermelho.)
- b. The pond froze solid. (intransitiva)(O lago congelou sólido.)

Uma paráfrase da construção resultativa transitiva é *sujeito causa objeto tornar-se SR* de forma que em (a) Mary faz com que a casa fique vermelha pintando-a . No caso das resultativas intransitivas, a paráfrase é *sujeito torna-se SR como resultado da ação do verbo*, de forma que em (b) entende-se que o lago ficou ²sólido como resultado do congelamento.

Assim, a construção resultativa é construída a partir de um verbo, um sintagma resultativo e um objeto opcional. É caracterizada como “descrevendo um estado de um argumento resultante de uma ação denotada pelo verbo” (Boas 2003).

As construções do tipo [SN FICAR³ Sadj] são analisadas como predicados nominais, isolando-se seus elementos constituintes que são analisados isoladamente: o verbo como verbo de ligação e o sintagma adjetival como predicativo do sujeito.

Como visto no início deste artigo, as gramáticas escolares apresentam essas construções levando em conta ora aspectos formais ora semânticos dos verbos que nela se integram, gerando dúvidas na análise dos verbos ditos de ligação que, nesse tipo de construção, apresenta-se de forma significativo de tal modo que não pode ser substituído por qualquer outro verbo “de ligação” sem alterar o significado geral da construção. Isto porque,

² É importante ressaltar que as paráfrases para as resultativas, quando traduzidas para o português, selecionam, de preferência, o verbo ficar para expressar a mudança de estado.

³ Neste padrão, podem ser utilizados verbos cuja semântica se familiarize com a semântica construcional de mudança de estado, como é o caso de acabar, sair, tornar-se e virar.

ao contrário do que ensinam os modelos tradicionais, o padrão construcional estudado não é apenas predicativo. Além do mais, não há como tratar os verbos isoladamente, sem se levar em conta o contexto em que são usados.

O que propomos, portanto, é uma análise do tipo de construção apresentado acima, levando-se em conta, além da semântica da construção e da semântica do verbo, o aspecto pragmático envolvendo as cláusulas.

As construções em que verbos como *ficar*, *tornar-se*, *acabar e outros*, tradicionalmente verbos de ligação, apresentam o evento designado pelo verbo associado ao argumento do sujeito afetado. Tal evento expressa a permanência do sujeito em novo estado resultante e o evento causativo, que é expresso em outra cláusula, conferiria à construção com tais verbos um caráter resultativo: subentende-se uma causatividade resultando em novo estado, pois está claro que o sujeito experimenta uma modificação, física ou psicológica, em que se pressupõe uma causa desencadeando o processo. O evento central da construção *resultativa* de que participam os verbos que expressam mudança de estado exprime o resultado associado à ideia causativa subentendida ou expressa em outro momento no discurso, como pode ser visto a seguir:

(01)... médico estava sendo treinado por uma equipe francesa para realizar este tipo de cirurgia. Ele foi a França com o médico e o caso foi analisado pelos médicos de lá. Decidiram que toda a equipe iria participar da operação, que eu não lembro se ia ser lá ou aqui. Eles voltaram ao Brasil, e uma outra vez o rapaz foi ao hospital falar com o médico e este resolveu fazer a cirurgia sozinho, porque ele já tinha aprendido tudo com os franceses. Então **ele fez a operação no rapaz** e errou, **ele ficou paralítico**.(D&G, Seção Rio de Janeiro, Inf.3, nar.rec. oral)

Neste trecho, é narrada uma situação em que um determinado médico realiza uma cirurgia em um rapaz, cometendo um erro: “ele faz a operação e o deixa paralítico”. Há no discurso um enunciado expressando a causa para o resultado sinalizado na construção com o verbo *ficar*. Além disso, o paciente que era objeto da construção causativa é colocado na posição de sujeito na construção resultativa. Observe:

| | | |
|----------------------|------------|---------------------------|
| Sem: AÇÃO DIRETA | <agente | Paciente > |
| Sintaxe: V | < suj. | Obj.> |
| operar | O médico | o rapaz |
| ↓ | | |
| Semântica: TORNAR-SE | < paciente | resultado/posição final > |
| Sintaxe: V | < sujeito | OBL SPrep/SA > |
| ficar | O rapaz | paralítico. |

Aplicando o modelo construcional ao ensino do português, alça-se à condição de devida importância o contexto discursivo em que são dispostos os elementos linguísticos numa relação que se estabelece sintática e semanticamente. Deixa-se de incorrer no erro de se analisar os itens lexicais isoladamente, aplicando-lhes critérios que se apresentam como insuficientes para dar conta das relações discursivas necessárias na construção de sentido.

Ao se classificarem todos os verbos que podem se encaixar na configuração sintática SN V SADJ como verbos de ligação, usando-se apenas o critério sintático segundo o qual, em tais construções, não é o verbo que seleciona os argumentos, repousando o significado sobre o elemento predicativo, leva-se o aluno a dúvidas quando se depara com reflexões sobre as nuances semânticas entre “João é impaciente”, “João está impaciente” e “João ficou impaciente”. Ora, se o verbo não se apresenta como significativo nessas construções, por que a simples substituição de um verbo por outro leva a uma mudança de significado da construção? O que nos diz a Gramática das Construções é que há uma semântica

construcional, associada a um padrão sintático, que estabelece restrições quanto à inserção de elementos em seu padrão. É necessário que entre a semântica construcional e a semântica verbal haja uma relação de reciprocidade de modo que, ambas, possibilitem o sentido global da construção. A semântica do verbo especifica papéis participantes (referentes aos participantes da cena evocada pelo verbo), enquanto a construção especifica papéis argumentais (referentes aos papéis temáticos, como agente, paciente, alvo, etc.). O verbo lexicalmente perfila as entidades obrigatoriamente presentes na cena que ele evoca.

Segundo Goldberg, as construções (i) especificam de que modo os verbos combinam-se com elas, (ii) restringem a classe de verbos que pode ser integrada com elas, e (iii) especificam o modo como o tipo de evento designado pelo verbo integra-se no tipo de evento designado por elas. Tendo isso em vista, é lícito dizer que vender compatibiliza com a construção bitransitiva porque o evento designado por vender encerra uma transferência. Em outras palavras, o tipo de evento designado pelo verbo é uma instanciação do tipo de evento mais geral designado pela construção.

A integração entre verbos e construções é governada por dois princípios:

1) Princípio da Coerência Semântica: Apenas papéis que são semanticamente compatíveis podem fundir-se.

2) Princípio da Correspondência: Cada papel participante que é lexicalmente perfilado e expresso deve ser fundido com um papel argumental da construção.

Assim, as construções “João é impaciente” e “João ficou impaciente” são construções diferenciadas, tal como pode ser visto no esquema a seguir:

| | | | | |
|---|-------|-----------|------------|---|
| Semântica: TORNAR-SE, MUDAR DE ESTADO OU CONDIÇÃO | | | | |
| Sintaxe: | V | < sujeito | SAdj | > |
| | ficar | João | impaciente | |

| | | | | |
|---|-----|-----------|------------|---|
| Semântica: POSSUIR PROPRIEDADE PERMANENTE | | | | |
| Sintaxe: | V | < sujeito | SAdj | > |
| | ser | João | impaciente | |

Considerações finais

Como foi visto, em português, verbos como ser, estar, permanecer, ficar e outros são chamados de verbos de ligação ou copulativos. Tradicionalmente, a cópula é o que une dois sintagmas de natureza nominal [+N] que formam uma predicação. A cópula não é entendida como o núcleo da predicação nas estruturas onde se insere. Com relação à estrutura argumental, os verbos copulativos são definidos como os que não selecionam um argumento externo, sendo seu argumento interno o que contém uma estrutura de predicação. Sendo assim o argumento externo sujeito seria o argumento de outro predicador e não do verbo. Além disso, caberia ao predicador da construção com verbo copulativo a atribuição de papéis temáticos aos seus argumentos.

A Gramática das Construções trouxe uma importante inovação neste campo: a estrutura argumental é determinada pelo verbo e pela construção em conjunto. O verbo não muda seu sentido para licenciar argumentos extras, nem se pode encaixar em uma construção que não combine com suas propriedades, em termos de seleção de estrutura argumental. O sentido vem da construção em que o verbo é empregado e da forma como a construção combina semanticamente com o verbo para expressar o evento.

Considerar que o verbo *ficar*, em construções com padrão SN V SR, não seleciona argumentos nos leva a refletir sobre a seguinte questão: o verbo *ficar*, em uma construção intransitiva do tipo *João ficou em casa*, com sentido de permanecer em algum lugar, seleciona um argumento externo e atribui a este o papel temático de paciente. Isto se deve a sua semântica. Metaforicamente, se ESTADOS SÃO LOCALIZAÇÕES, é possível se estabelecer um link construcional entre (1) construção intransitiva SN *ficar* SPrep (locativo) e (2) construção resultativa intransitiva SN *ficar* SAdj. Nos dois modelos, o sujeito é paciente, isto é, aquele que se submete a uma situação ou sofre a mudança de estado.

Como explicar, então, que na construção (1) o verbo é predicador, atribuindo pale temático ao sujeito e em (2), o verbo é apenas um elo de ligação, sem contribuir na escolha dos participantes?

A noção de construção gramatical apresenta-se como alternativa para resolver questões desse tipo uma vez que se fundamenta nessas três importantes ideias:

a) A Gramática das Construções vê as construções como unidades básicas da língua e não como resultado da interação entre itens lexicais e regras sintáticas. As gramáticas das línguas são compostas por pares de esquemas conceptuais e padrões gramaticais que se inter-relacionam.

b) A estrutura argumental é determinada pelo verbo e pela construção, e o sentido vem da construção em que o verbo é empregado e da forma como a construção combina semanticamente com o verbo para expressar o evento complexo.

c) Para a GC, as construções só fazem sentido em um contexto específico.

Sendo assim, acreditamos que, adotando a proposta construcionista de ensino, não fará mais sentido o ensino por definições inconsistentes e de pouco fundamento na prática. Esperamos, com este artigo, que as questões levantadas contribuam tanto para uma reflexão sobre o ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa, quanto para uma prática em sala de aula mais eficiente, adotando-se um modelo que trabalhe com funções sobrepostas, isto é, não fazendo uma distinção rígida entre semântica e a pragmática, que podem ser vistas como partes integradas de uma construção.

Referências Bibliográficas:

- BECHARA, E. . Moderna Gramática Portuguesa. 37^a ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2001.
- BOAS, Hans Christian. A Constructional Approach to Resultatives: CSLI Publications, 2003.
- CEREJA & MAGALHÃES . Gramática Reflexiva do Português - texto, semântica e interação. São Paulo, Atual, 1999
- CUNHA, Celso & CINTRA Lindley. Nova gramática do português contemporâneo. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998
- FARACO & MOURA. Gramática. São Paulo, Ática, 1999.
- FILLMORE J., KAY, P. & O'CONNOR, M. C. *Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of let alone*, *Language*, 1988.
- GOLDBERG, Adele E. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: Chicago University Press, 1995.
- _____ & R. JACKENDOFF. *The English Resultative as a Family of Constructions*, unpublished ms. University of Illinois at Urbana-Champaign. (artigo online), 2004.
- _____ *Constructions at work: The nature of generalization in language*. Oxford University Press, 1^a ed, 2006.
- KAY, Paul *Pragmatic Aspects of Grammatical Constructions Pragmatic Aspects of Grammatical Constructions U.C., Berkeley*, 1984.

- _____ & FILLMORE, Charles J. Grammatical constructions and linguistic generalizations: The What's X Doing Y? construction. *Language* 75: 1–33, 1999.
- LEVIN & M. RAPPAPORT Hovav. Unaccusativity. At the Syntax-Lexical Semantics Interface. Cambridge/Mass., The MIT Press, 1995.
- LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 41^a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.
- CÂMARA JR., J. M. História e estrutura da língua portuguesa. 3^a ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.
- PERINI, Mário A. *Para uma nova gramática do português*. 10^a ed. São Paulo: Ática, 2000.
- . *Sofrendo a gramática*. São Paulo: Ática, 1996.
- TERRA, Ernani & NICOLA, José de. *Gramática, literatura e redação para o ensino médio*. Rio de Janeiro: Scipione, 2001.